

10.4025/6cih.pphuem.480

O culto à Maria Bueno no Cemitério Municipal de Curitiba

Tônia Kio Fuzihara Piccoli (UEM)

Solange Ramos de Andrade (Orientadora – UEM)

Vanda Fortuna Serafim (Orientadora – UEM)

Será compreendida, na presente comunicação, uma análise a cerca do principal campo ritualístico em que Maria Bueno se insere, o cemitério. Para compreender como um simples mausoléu pode atingir status de sagrado será usado o conceito de hierofania em Mircea Eliade - termo presente na sua obra *O sagrado e o profano* (1992). E o livro de Clarissa Grassi *Um olhar... A arte no silêncio* (2006) para observar a simbologia mortuária empreendida no Cemitério São Francisco de Paula – onde está o corpo e capela de Maria Bueno. Como diz a autora a arte tumular é uma forma de assegurar aos mortos uma sobrevivência na lembrança não apenas de quem fez parte de seu círculo pessoal, mas também de preservá-los na memória alheia.

A figura de Maria Bueno tem sofrido historicamente modificações em suas representações. Não apenas por parte de seus devotos, mas da sociedade curitibana em geral. Estas mudanças, transformações, reinterpretações são aquilo que nos permitem perceber a historicidade em Maria Bueno. Se por um lado existe a linearidade em torno do nome, Maria Bueno, a historicidade é percebida nas rupturas, nas diferentes acepções e significações que ela assume.

Jovem curitibana, parda e pobre, assim é descrita Maria da Conceição Bueno, nascida a 8 de dezembro de 1854 na cidade de Rio da Prata, próxima à Morretes. Quase 40 anos depois, Maria morreu degolada vítima do soldado Ignácio José Diniz. Este momento é muito importante à reflexão, pois é a partir dele que abre um emaranhado de narrativas e explicações. O momento da

10.4025/6cih.pphuem.480

morte de Maria Bueno seria, portanto, o que Mircea Eliade (1992) denominou “mito fundante”, ou seja, o evento priorizado para a organização dos demais.

É a partir desse instante, portanto, que o caráter dualista de Maria Bueno se instaura: seus detratores afirmam que Maria Bueno era uma prostituta e que foi morta por seu cafetão, Diniz, enciumado com as supostas “escapadas” da moça aos bailes da cidade. Diniz também aparece ora como “amante”, ora como “amásio” de Maria Bueno. Os que adotam esta versão convergem para dar a Maria Bueno um caráter profano e profanador da moralidade da sociedade da época. Sem representatividade social ou junto a Igreja Católica, Maria Bueno foi, por diversas vezes, chamada de prostituta e, inclusive, ainda que veladamente, responsabilizada por sua própria morte.

Compreender o processo de construção da personagem pelo culto é tão instigante quanto reconstruir sua biografia – afirma Sandra Jacqueline Stoll no livro *Maria Bueno: Santa de Casa* (2011). As antropólogas Sandra Jacqueline Stoll, Conceição dos Santos, Geslline Giovana Braga e Vanessa Durando criaram em parceria o livro *Maria Bueno: Santa de Casa* (2011). Este livro uma fonte histórica moderna, rica em detalhes e imagens servirá de base para a compreensão de como se manifesta o culto à Maria Bueno no cemitério, por se tratar de um ritual a análise de elementos individuais é imprescindível.

Solange Ramos de Andrade dialoga com a criação do mito Maria Bueno no artigo “O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo” (2010) demonstrando a redenção pelo martírio da morte, um dos elementos, talvez o principal em se tratando de catolicismos, que pode “levar um indivíduo para o reino de seu Criador”. Nas palavras de Andrade, Maria Bueno a santa de cemitério, dialoga perfeitamente com o tema martírio como forma de expiração dos pecados ao ter seu desenlace precedido por tamanho sofrimento: nos relatos da perícia da época o corpo encontrado é descrito com fundos cortes nas mãos que indicam que a vítima lutou muito para não ser morta. Além do golpe a navalhadas no pescoço que quase separou sua cabeça do corpo.

Objetivamos nesta comunicação priorizar o viés das devoções humanas,

10.4025/6cih.pphuem.480

e não as abordagens institucionais. Para tal é preciso levar em consideração os aportes teóricos que servem de fio condutor ao diálogo. Esta pesquisa situa-se, no âmbito dos estudos das mentalidades propostos pela História Nova, baseada nos discursos de Jacques Le Goff e Pierre Nora, contidos na obra *História: Novos Problemas* (1974). A História Nova, segundo estes autores, permitirá articular a pesquisa histórica a partir de uma escala reduzida de análise, sem perder de vista as formas estruturais, mentais e sociais nas quais os indivíduos se inserem, possibilitando a apreensão de aspectos que passariam despercebidos se a História fosse estudada sob a égide da busca por uma história total. Nesse modo de análise, o individual não é contraditório ao social por aquele possibilitar a apreensão de aspectos diferentes do último.

O estudo de Maria Bueno foge também do determinismo de que apenas grandes heróis e grandes homens fazem história. Quebrando regras sociais, morais e historiográficas, Maria Bueno encontra no estudo das mentalidades a legitimidade de que as pessoas de vida comum merecem "fazer parte da história".

Para completar Nora e Le Goff indicam que a história nova se afirma como tal, ao anexar novas disciplinas fora do território da história. Na análise sobre a santidade de Maria Bueno é imprescindível a anexação do campo social, pois por Maria Bueno se tratar de um personagem carente de documentos históricos oficiais, se torna impossível estudá-la sem levar em conta aspectos sociais como a subjetividade da fé, o lugar social onde Maria Bueno formou seu caráter humano e as transformações sociais que ocorreram na mentalidade de seus devotos para elevá-la de condenada, à mártir e posteriormente santa.

Dialogando com Certeau, em seu escrito "Operação Histórica" (1974), o social não se restringe a condição econômica, mas a um conjunto de vivências, relacionamento com determinado círculo social, experiências adquiridas ou fatos impingidos que, resultaram na criação do caráter histórico da figura de Maria Bueno que fora desse contexto não existiria. É isto que articula

10.4025/6cih.pphuem.480

existência, vivência e convivência que Michel De Certeau denomina “lugar social”. Ao estudar o mesmo objeto, este assume vários prismas dependendo de quem o estuda e do lugar onde se elabora, essa seria a ideia principal de Certeau ao abordar o conceito de lugar social. Somente a partir deste conceito, é possível compreender os aspectos históricos constitutivos de um novo objeto como Maria Bueno.

Por falar em novos objetos que foram trazidos com a progressão da História, também o campo religioso teve suas transformações, e mesmo a Igreja Católica acabou se não incorporando, pelo menos aceitando novas práticas religiosas. É o que veremos na discussão de Solange Ramos de Andrade no artigo “A tolerância como estratégia da Igreja Católica frente à religiosidade” (2010). Andrade (2010) ao analisar a “estratégia de tolerância” utilizada pela Igreja Católica afirma que ao adotar uma postura autodenominada tolerante a Igreja Católica valoriza a inserção de matriz católica nas manifestações de religiosidade indígenas e africanas, por vezes com o intuito de suprimir ou “mascarar” as mesmas; dessa forma a tolerância religiosa por parte da Igreja Católica possibilitou o manutenção de algo que não estava nem para o institucional nem para a magia.

É conveniente, ainda, a distinção entre Religião, prática oficial reconhecida e sacramentada pela Igreja Católica ou outra instituição oficial, e Religiosidade. Segundo Andrade a religiosidade poderia ser definida como:

É denominada religiosidade católica, a religião da massa, mais especificamente como sinônimo de catolicismo popular, o catolicismo dos santos, das procissões, dos rituais sem presença oficial. O olhar se volta exclusivamente para esse catolicismo que vai designar várias manifestações religiosas sempre com essa nomenclatura. (ANDRADE, 2010 p.143-144)

Dados os diferentes vieses de leitura de Maria Bueno propõe-se

10.4025/6cih.pphuem.480

trabalhar os conceitos de “apropriação” e “representação” de Roger Chartier (1992). A opção pelo conceito de “representação” é porque este nos permite articular três modalidades de relação com o mundo social: Primeiro, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos. Segundo, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. E por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, por meio das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente à uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real. (CHARTIER, 1992).

A Religião como disciplina surgiu porque mesmo com o racionalismo se instando como palavra de ordem, ainda havia - e há - a persistência de expressões da religiosidade guiando a sociedade.

Segundo Jacqueline Hermann, em "História das Religiões e Religiosidades" (1997), foi ao longo do século XIX e início de XX, que a história das religiões se instaurou como disciplina específica, da necessidade se aprofundar relações entre a defesa do caráter racionalista do homem ocidental e a persistência de formas de expressões ainda classificadas como religiosas.

A princípio conferia-se a religião um sentido pragmático, porque tinha o papel de reestruturar a vida em grupo através de uma reaproximação com o passado ritual e mítico. Hermann acrescenta ainda que o papel da sociologia foi fundamental para o desenvolvimento da religião e religiosidade, motivo pelo qual até hoje é inseparável a História da Sociologia quando se pretende estudar a religiosidade dos povos.

Para Hermann a religião se definiria a partir de uma dicotomia sagrado/profano que ora se completam ora entram em embate. Mas que seria impossível um existir sem o outro, são conceitos intrínsecos que precisam que

um exista para o outro poder se manifestar.

Hermann distingue Religião de Religiosidade da seguinte forma. Segundo a autora, Religião estaria relacionada ao conceito de funcionamento da estrutura e organização do clero e da pregação religiosa, incluindo as formas de proselitismo religioso, a disciplina clerical e a normatização do ritual, a exemplo das diversas histórias institucionais da Igreja. Já a Religiosidade, ao superar obstáculos etnocêntricos os indivíduos terminariam por fomentar novas abordagens no contexto religioso que se enquadrariam no conjunto de produções da chamada história cultural, onde a história das religiosidades pode ser englobada.

Fechando o discurso de Jacqueline Hermann, chega-se ao ponto onde Religião e Religiosidade se cruzam, esse contexto é chamado de hibridismo pela autora. O hibridismo pode ser definido como as relações históricas entre mitos e ritos encontráveis em diferentes momentos e lugares sociais, tornando possível utilizar um método comparativo de análise historiográfica para compreender a essência das experiências religiosas.

Neste contexto o objeto de estudo, a Maria Bueno, se torna passível de ser historicizada por meio de estudos teórico-metodológicos. Para melhor entender essa personagem que nasceu com sua morte e tornou-se mártir para seus devotos, além de povoar o imaginário popular de formas diversas, e para relacioná-la à pesquisa histórica é preciso fazer menção às fontes de pesquisa aqui utilizadas. O critério adotado para a escolha de fontes insere a forma documental - referências de textos, livros e revistas, ou imaterial - histórias e relatos contados por pessoas a respeito de Maria Bueno. Sendo assim, entende-se que a escolha destas fontes nos permite perceber o movimento temporal da figura de Maria Bueno por meio de suas representações, e a observações do desenvolvimento de culto à sua figura.

As reflexões a cerca destas fontes decorrem de análise e conceitos presentes em Roger Chartier no escrito "Textos, impressão, leituras" (1992). O autor entende que, ao renunciar ao estruturalismo histórico para dar conta dos desvios culturais, a história mostrou que é possível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais o que, segundo ele, abriu novas perspectivas

10.4025/6cih.pphuem.480

para se pensar a relação entre as obras ou práticas e o mundo social. Para estudar as diversas representações de Maria Bueno parte-se do exame das práticas de leitura que, segundo Chartier, em sua diversidade acabam produzindo usos e significações diferenciadas, o autor sustenta que:

A operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades e que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes)." (CHARTIER, 1992, p.178)

Como aporte teórico metodológico para a pesquisa de campo cemiterial, abordaremos os escritos de Solange Ramos de Andrade e Vanda Fortuna Serafim em "A religiosidade católica e seus santos: o Cemitério Municipal de Maringá PR como espaço de devoção" (2010), de onde parte a própria definição apresentada nesta comunicação para santo de cemitério.

Nesse sentido, Santos de Cemitério são santos - não reconhecidos oficialmente pela Igreja Católica - que cultuados no local onde estão enterrados originam uma verdadeira peregrinação rumo a esses sepulcros, fazendo da sepultura um verdadeiro altar dedicado ao santo lá enterrado. (ANDRADE e SERAFIM, 2010)

O ritual no cemitério configura como a manifestação física da religiosidade católica na qual Maria Bueno se insere. Compreende-se que o cemitério como local de culto intensifica a relação imediata dos devotos com a santinha Maria Bueno. Eles têm em suas mãos todos os elementos da devoção, não há dogmas nem intermediários, cada devoto decide como será sua relação com "sua" santa, isso dá autonomia e liberdade que em uma

religião oficial o fiel não encontraria.

Dialogando com a teoria de Andrade e Serafim (2010), esses “presentes” aos santos representa uma esperança que tem um duplo sentido: confiança no poder do sagrado para escapar à fragilidade do viver, e esperança numa outra vida diferente da que leva. De acordo com as autoras a proteção que o fiel implora ao poder do sagrado vai ao sentido de que sua vida não seja uma sucessão de sofrimentos.

O mausoléu de Maria Bueno também configura um santuário no que diz respeito a memória do indivíduo Maria Bueno.

Supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representação, o que nesse caso, seria instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente substituindo-o por uma imagem capaz de trazê-lo à memória e pintá-lo tal como é. (ANDRADE e SERAFIM, 2010, p. 125)

Desta maneira, Andrade e Serafim, definem o cemitério como espaço devocional não apenas como uma forma física de relação entre os devotos e Maria Bueno, mas como um espaço transcendente onde o sagrado se manifesta através de imagens, orações e principalmente da figura do túmulo como altar.

Para a história, cultuar santos em seus jazigos não é novidade, para ser mais exato foi exatamente assim que os primeiros cultos aos santos começaram. Nos primórdios do cristianismo, como atesta Andrade, os devotos dos primeiros santos se dirigiam para onde estes estavam enterrados e lá faziam orações, pedidos de interseção e depositavam oferendas. Com o tempo para abrigar essas relíquias depositadas por seus fiéis, foram sendo construídas capelas ao redor desses sepulcros; e os santos mais populares acabaram ganhando construções maiores, os templos. Foi assim que surgiram

10.4025/6cih.pphuem.480

as primeiras igrejas dedicadas aos santos. Portanto, historicamente falando, todo santo em seu primórdio era um santo de cemitério. Hoje em dia institucionalizados como Santos Padroeiros Locais.

Um local lúgubre como o cemitério pode parecer improvável como espaço de expressão artística, porém o Cemitério São Francisco de Paula, localizado na Praça Padre João Sotto-Maior no bairro de São Francisco em Curitiba mostra o contrário. Segundo Grassi (2006) é fácil encontrar a beleza onde estamos condicionados a olhá-la, o difícil seria enxergá-la nos lugares tidos como um lugar de morte, de perda, de sofrimento e de luto, como é o cemitério.

De acordo Grassi, autora de *Um olhar... A arte no silêncio* (2006), em 150 anos de existência o Cemitério Municipal São Francisco de Paula – o mais antigo de Curitiba - somou um vasto acervo de esculturas e manifestações artísticas. Mais que ornamentação de túmulos, essas obras de arte traduzem a evolução histórica de Curitiba, assim como simbolizam a visão da população acerca da morte, expressa através da arte tumular.

O cemitério é um museu a céu aberto. Podemos entender o ciclo econômico e migratório da cidade. Pelas fotos é possível descobrir sobre moda em diferentes épocas e ainda acompanhar a tendência artística e arquitetônica através do tempo. (GRASSI, 2006)

Entre os inúmeros ilustres enterrados no Municipal uma figura se destaca por sua história, Maria Bueno, lápide de nº. 3903, quadra 13, rua 4. Quem teve a oportunidade de visitar o cemitério no Dia de Finados sabe de longe, quão venerada a santa curitibana é, o túmulo de Maria Bueno é repleto de centenas de placas de graças recebidas e flores, principalmente rosas vermelhas. Com certeza é o túmulo mais visitado e intrigante do cemitério, afirma Grassi.

10.4025/6cih.pphuem.480

A autora diz que o Cemitério São Francisco de Paula funciona como uma espécie de espelho da sociedade curitibabana, basta um passeio pelo Municipal para identificar que o mesmo é reflexo da própria sociedade “lá fora”, onde grandes mausoléus denunciam o poder da família e a simplicidade de outros, a origem humilde de seus descendentes.

Segundo Sandra Jacqueline Stoll e Conceição dos Santos, autoras do livro *Maria Bueno: santa de casa*, o túmulo de Maria Bueno fica logo na entrada do cemitério, é uma capela alta toda em azul e branco, se encontra nivelada um tanto abaixo de outros túmulos, por ter sido construída há muito tempo atrás; conforme conclui as autoras, Maria Bueno é representada numa imagem em tamanho natural vestida também nas cores azul e branco, com um manto branco sobre sua cabeça que dá a ela uma aparência de noiva ou uma representação da Virgem Maria.

O movimento normalmente começa por volta das oito da manhã e só acaba quando os portões se fecham. A romaria ao túmulo de Maria Bueno não é institucionalizada, portanto não há um itinerário oficial, as pessoas vêm em grupos organizados por algum local, acompanhada de familiares e amigos ou mesmo sozinhas.

Os ritos a Maria Bueno iniciam-se com orações frequentemente acompanhadas de gestos: as pessoas estendem a mão na direção da imagem, ajoelham-se, jogam beijos. Comportamento que se assemelha aos observados nos santuários católicos. (SANTOS e STOLL, 2011)

Velas e flores, principalmente as rosas vermelhas também estão sempre presentes – dizem os devotos que as rosas vermelhas são do agrado da santa. Mas o que mais chama a atenção no ritual à Maria Bueno são os ex-votos, expressados em bilhetes, muitos, verdadeiras cartas, algumas fotos, flores, principalmente rosas vermelhas, réplicas de partes do corpo curadas e principalmente as placas votivas, que encobrem toda parede ao lado de sua sepultura causando espanto em quem vai à sua visita pela primeira vez.

O ex-voto compreende qualquer bem material empregado em “pagamento” ao santo. Além de comunicar que a “dívida” com o santo foi “paga”, o ex-voto é um registro do poder atribuído ao santo na solução de conflitos, anseios e sofrimento dos devotos. (SANTOS e STOLL, 2011).

Essa prática parece paradoxal, pois espera que se um fiel tem seus santos oficiais não “precisaria” de um santo não canonizado pelo Vaticano ou até o renegaria dito os dogmas da própria instituição que segue. Mas na prática é completamente diferente. Isso ocorre, segundo Santos e Stoll, conforme a urgência do fiel que recorre a mediadores situados em diferentes níveis da “hierarquia celestial”. É o que as autoras chamam de devoção horizontal. A devoção horizontal constitui na distancia espiritual que o santo se encontra do devoto; um exemplo para esclarecer é a comparação entre as duas Marias, a Maria Bueno e a Virgem Maria, ou Nossa Senhora Aparecida. Nossa Senhora se encontra situada hierarquicamente acima dos demais santos, pois é a mãe do filho de Deus – está mais próxima de Deus. Já Maria Bueno, uma santa local de vida impura (para alguns) apresenta uma existência mais mundana – portanto mais próxima do devoto - ainda que seja uma figura sagrada parece haver uma aura de identificação e tolerância em Maria Bueno, como se ela ouvisse o devoto mais intimamente e fosse mais condescendente com seus deslizes; essa é a relação horizontal.

Poder-se-ia dizer que a morte iguala a todos, não importando o nível social, econômico, intelectual ou qualquer outro critério que diferencie as pessoas no decorrer de suas vidas. Entretanto, o modo de tratar o defunto pode trazer a tona novamente essas diferenças, sendo que o status de um cadáver não depende de poder monetário e a hierarquia social dá lugar a uma hierarquia celestial. Há os mortos comuns, aqueles que recebem homenagens de sua família em tempos de visita; os defuntos famosos, aqueles que em vida já possuíam certo fanatismo, morreram de forma trágica ou inusitada, ou ainda aqueles que guardam lendas urbanas a respeito de sua alma ou sepultura. E

10.4025/6cih.pphuem.480

acima desse panteão estão os santos de cemitério com seus túmulos transformados em capelas e suas lápides que representam verdadeiros altares. Para compreender como um simples mausoléu pode atingir status de sagrado será usado o conceito de hierofania em Mircea Eliade - termo presente na sua obra *O sagrado e o profano* (1992):

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’. (ELIADE, 1992, p.13)

Outro ponto interessante inerente ao culto nos cemitérios, é que numa sociedade dita moderna era esperado que tais rituais fossem aos poucos se esvaecendo, dando lugar ao cientificismo e individualismo. Isso converge em Eliade quando ele descreve um mundo contemporâneo que enfrenta dificuldade em descobrir o significado do todo, devido à automatização e o individualismo da vida moderna. Afirma, ainda, que temos muita pressa, e nossa vida gira na órbita do utilitarismo, o que nos faz pessoas fragmentadas, capazes de vivenciar apenas frações do universo em que nos inserimos.

Eliade (1992) afirma que a experiência do ‘nós’ fundamenta toda comunicação humana, pois aponta para um envolvimento em múltiplas dimensões: família, grupo étnico, cultura, religião, sociedade. De acordo com Eliade, sabemos que nenhuma religião possui a visão total de Deus. A grandeza divina é revelada através de fragmentos. E quando um fragmento se encaixa com outro e unimos os nossos pontos de vista nos aproximamos do todo. Assim, manifestações diretas e imediatas com o sagrado, como o culto a

10.4025/6cih.pphuem.480

Maria Bueno, dispensando ou reduzindo significativamente as mediações institucionais evidenciam que o divino continua ocupando espaços que o homem e o mundo secularizado, não conseguiram preencher, contrariando as premissas do pensamento cientificista de que a fé seria vencida pela razão. Num verdadeiro leque de atitudes espontâneas ou populares, se encontram muitos exemplos semelhantes ao de Maria Bueno, a Santinha de Curitiba, preteridas pelo discurso oficial. São expressões de religiosidade não institucionalizadas, mas privilegiadas por um grande número de crentes. Percebe-se assim que Maria Bueno está mais viva do que nunca, e suas nuances aparecem nas mais diversas apropriações.

Bibliografia

ANDRADE, Solange Ramos de. "A tolerância como estratégia da igreja católica frente à religiosidade". In: **Identities religiosas**. Franca: UNESP – FHDSS; Civitas Editora, 2008. P. 143 – 155.

ANDRADE, Solange de. A identidade Católica: entre a religião e a religiosidade. In: Manoel, Ivan, 2010. P. 253 – 281

ANDRADE, Solange Ramos de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Ano III n. 7, Mai, 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>. P. 131-145.

ANDRADE, Solange Ramos de; SERAFIM, Vanda Fortuna. A religiosidade católica e seus santos: o Cemitério Municipal de Maringá PR como espaço de devoção. **História Agora**, v. 10, 2010, P. 103 - 136.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LEGOFF, Jacques; NORA, Pierre (org). **História novos problemas**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974. P. 17 – 48.

CHARTIER, Roger. **Textos, impressão, leituras**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 1ª ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

GRASSI, Clarissa. **Um olhar... A arte no silêncio**. 1ª ed. Curitiba: Editora Clarissa Grassi, 2006.

HERMANN, Jacqueline. "História das Religiões e Religiosidades". In: **Domínios da história : ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 474 – 507

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. Introdução. IN: _____ **Historia novos problemas**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves ,1974. P. 11-15.

STOLL, Sandra Jacqueline; SANTOS, Conceição dos; BRAGA, Gesline Giovana; DURANDO, Vanessa. **Maria Bueno: Santa de Casa**. 22ª ed. Curitiba: Edição do autor, 2011.